Trilhar uma "cidade amazônica": práticas educativas e investigativas para o estudo da paisagem de Macapá (AP)

PABLO SEBASTIAN MOREIRA FERNANDEZ*

ELIANE CABRAL DA SILVA**

Resumo: Trilhar, pode ser um "caminho" para uma educação dos espaços e das paisagens de uma cidade, proporcionando meios para a apreensão de valores ambientais, sociais e culturais, pela combinação de fatores recreativos e educativos. Interpretar uma trilha por entre paisagens pode se configurar em uma forma ativa de experienciar e conhecer os espaços próximos, através da tomada de consciência, sensibilidade e do desenvolvimento de atitudes e condutas de respeito e afetividade. Não mais, o ato de trilhar espaços, tem se configurado em um potente caminho para a consolidação e para o despertar de um olhar geográfico imaginativo e criativo. O texto em tela relata práticas educativas que tiveram como foco o estudo da cidade de Macapá a partir de percursos e trajetos investigativos, contemplativos e educativos por caminhos ou trilhas urbanas, num contexto da Geografia Humanística e Cultural. As experiências educativas foram efetivadas a partir do Projeto Pesquisa "Trilhas Urbanas: uma proposta metodológica de experienciar, de ver e ser-no-mundo" realizado entre os anos de 2014 e 2017, por pesquisadores ligados ao Laboratório de Pesquisa e Ensino de Geografia da UNIFAP.

Palavras-chave: Trilhas Interpretavas; Metodologia; Cidade; Ensino de Geografia.

Treading an "amazon city": investigative and educative practices for the study of Macapá's landscape

Abstract: Treading might be a path to an education of the spaces and landscapes of a town, providing means to understand environmental, cultural and social values, through the combination of recreational and educative values factors. Interpreting a pathway amidst landscapes might be an active way of experiencing and knowing close spaces, by means of awareness, sensitivity and development of acts and conduct based on respect and affectivity. The act of treading spaces is but a powerful pathway to the consolidation and awakening of a creative and imaginative geographic perspective. The text presented herein portraits education practices focused on the study of Macapá City, Amapá state, Brazil, based on investigative, contemplative and educative paths, through urban routes or directions, in a context of Humanistic Cultural Geography. The education experiences were implemented after the Research Project "Urban Routes: a methodological proposal to experience, see and bee-in-the world", conducted between 2014 and 2017, by researchers associated with the Laboratory of Geography Research and Teaching at UNIFAP.

Key words: Interpretive routes; Research and Teaching Methodology; Urban landscape; Macapá-AP.

* **PABLO SEBASTIAN MOREIRA FERNANDEZ** é professor do Departamento de Práticas Educacionais e Currículo (DPEC/CE) e do Programa de Pós-graduação em Geografia - Mestrado Profissional (GEOPROF/CERES) na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

** **ELIANE CABRAL DA SILVA** é professora do Departamento de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP).

Início de percurso

O sujeito da experiência é um ponto de chegada,
um lugar a que chegam as coisas,
como um lugar que recebe o que chega e que,
ao receber, lhe dá lugar.
(LARROSA, 2002, p. 24)

Pensar a experiência do conhecimento a partir de percursos e trajetos investigativos, contemplativos e educativos por caminhos da cidade, num contexto da Geografia Humanística e Cultural foi um dos objetivos do Projeto Pesquisa "Trilhas Urbanas: uma proposta metodológica de experienciar, de ver e ser-no-mundo" realizado pelos autores, entre os anos de 2014 e 2017, com sede no Laboratório de Pesquisa e Ensino de Geografia na Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). No contexto do projeto citado, práticas de trilhas/trajetos urbanos foram apresentadas como mote para o estudo da paisagem, descoberta e conhecimento de uma cidade. Concebeu-se ainda, tais práticas como um processo que consolida uma educação do olhar do geógrafo, ou conforme salientado por Sauer (2000) que incentiva um olhar curioso para o mundo circundante. Nesse texto serão apresentadas e discutidas duas dessas práticas, com objetivo de demonstrar a potência das experiências educativas em trilhas como metodologia em estudos da geografia sobre o urbano.

Conhecer uma cidade por meio de suas paisagens, é uma experiência que se torna cada vez mais complexa, especialmente, a partir do final do século XIX diante da velocidade e intensidade das transformações que nestas ocorrem. A sociedade industrial, com seus excessos de velocidade e informação impuseram grandes mudanças à forma como os habitantes da cidade se relacionam com o lugar em que vivem. Assim, uma das características observadas no mundo contemporâneo é o que se pode chamar de "pobreza de experiência", ou seja, há uma impossibilidade crescente de vivenciar experiências. Isso tem acontecido em função de modos de vida impostos ao sujeito contemporâneo.

O pedagogo espanhol Jorge Larrosa Bondía (2002) afirmará que na sociedade atual há um excesso de informação e de opiniões, excesso de trabalho, e, consequentemente de falta de tempo. Esta situação tem gerado pessoas cada vez mais distantes de suas paisagens cotidianas, sendo que, mesmo estando diante delas não se tem mais sentido de pertencimento ou familiaridade. O mesmo Bondía afirma que "nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara". Experiência, para esse autor, é entendida como sendo:

> [...] o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, o que acontece ou que toca. [...] experiência não é o caminho até um objetivo previsto, até uma meta que se conhece de antemão, mas é uma abertura para o desconhecido, para o que não se pode antecipar nem pré-ver nem pré-dizer (BONDÌA, 2002, p. 21).

Partindo dessas reflexões, entende-se que os trajetos e percursos numa cidade podem ser práticas privilegiadas para despertar uma mudança de olhar, visto que, se bem explorada a paisagem

torna-se elemento privilegiado para o conhecimento das cidades por entre os percursos e trajetos das trilhas urbanas. Tanto as paisagens culturais (materializadas) em imagens de desigualdade, memórias contraditórias, fisionomias de degradação ou da violência urbana; como as paisagens subjetivas (imateriais, afetivas) despertadas pelos sentidos humanos: em sensações e sentires.

Nesta senda, as trilhas urbanas tornam-se práticas que conduzem o olhar e nossos interesses para algumas marcas na paisagem urbana de Macapá que revelaram trajetórias cotidianas, o trabalho, a moradia, o lazer, formas de sublevação e estratégias políticas de apropriação do espaço, as adversidades e outras formas da realidade que constituem a vida no urbano. Tais marcas quando reveladas apresentam os sujeitos que habitam estas paisagens urbanas, indicando uma Geografia de escalas e categorias construídas na vida diária, no cotidiano, curiosa, nas quais o temperamento do sujeito que a vive pode situá-la como universal e multifacetada. A paisagem torna-se expressão de um sentido de moradia, de habitação, como se revelasse o significado dos modos "pelo qual se está adaptado aos ritmos da natureza", ou como se fosse " [...] o símbolo de um diálogo diário com o meio ambiente ecológico e social da pessoa (BUTTIMER, 1985, p. 166).

No contexto do projeto mencionado é necessário entender também, as trilhas urbanas como um caminho que pode revelar as contradições, ambiguidades e conflitos presentes na cidade, nos indicando modos de ser e conhecer que partem da vivência, que conduz o geógrafo à geograficidade e aos saberes geográficos. A trilha torna-se um caminho metodológico na busca por revelar e consolidar nos sujeitos, uma perspicácia para registrar diferenças e semelhanças, aliadas "a uma curiosidade viva e uma reflexão rápida sobre o significado desta semelhança ou diferença" (SAUER, 2000, p. 140).

Neste sentido, o ato de caminhar pela cidade indica um processo e uma proposta metodológica, é uma atitude que busca "formar" o olhar geográfico, indicando à professores, alunos, pesquisadores e habitantes da urbe, que o corpo em um movimento caminhante estabelece novas centralidades e referências, gerando "o questionamento da centralidade original do sentir, ou seja, do próprio corpo, na paisagem" (BESSE, 2006, p.81). Não que o corpo seja um mero instrumento que percorre os espaços da cidade, pois trilhar é também habitar o espaço e o tempo (não necessariamente juntos), configurando uma espécie de ontologia geográfica.

No âmbito da formação em pesquisa, considera-se como relevante a inserção dos acadêmicos do curso de Geografia e outros integrantes do projeto no estudo da cidade através do contato com a rotina, metodologias, escrita, participação, sistematizadas pelo caminhar. A pesquisa ajudou também no fortalecimento do Laboratório de Ensino e Pesquisa (LAPEGEO – UNIFAP) que havia sido recém-inaugurado e abrigou a pesquisa, com a presença dos bolsistas, de espaços de estudo e trocas de conhecimentos. Consideramos que esta forma de realizar pesquisa contribuiu para a aproximação da Universidade com a Sociedade, por tocar em temas pertinentes ao cotidiano, à vida das pessoas, e que podem ser relacionados com o patrimônio histórico e cultural, com a memória urbana, e com a valorização dos espaços e lugares do centro de Macapá. Assim, serão

apresentadas duas propostas de acesso à paisagem, a partir de duas propostas de trilhas interpretativas urbanas.

As trilhas como caminho interpretativo da realidade

A escolha por este caminho operacional, remete aos anos de 1950, quando as trilhas interpretativas se apresentam como parte de práticas investigativas e pedagógicas formais e informais, em escolas, universidades, parques temáticos e outros espaços. Se apresentando como uma alternativa metodológica capaz de promover uma atividade que aproxima as pessoas, capaz de conectar e despertar saberes.

Como explica a geógrafa Lima (2008) Ao percorrermos uma trilha interpretativa descobrimos relações de coincidências e de complementaridades solidárias entre e com outros grupos humanos: aprendemos a perceber, experienciar e a interpretar realidades da realidade, vivenciar paisagens na paisagem. Estas experiências nos propiciam várias leituras de uma mesma realidade ambiental considerando a análise e a interpretação das diversas dimensões paisagísticas, onde temos ainda a identificação de níveis de percepção ambiental, tanto individuais quanto coletivos, a determinarem a gênese de imagens, representações, atitudes, atributos e valores relacionados à paisagem e aos seus lugares.

Interpretar é elemento essencial nas trilhas interpretativas. A intenção é que, ao trilhar, o sujeito interaja com o ambiente e consiga se perceber em meio a paisagem, e buscar os significados do lugar: que é fruto do processo de construção histórica, social, espacial e cultural das relações e ações humanas.

Nestes termos, as trilhas interpretativas apresentam-se como um percurso educativo capaz de estreitar a relação: experiência *versus* conhecimento espacial. Além de ser uma prática espacial de faces dinâmicas, é uma possibilidade ati*va* de descoberta do mundo em que habitamos, viabilizando ações eficientes, e fáceis de serem executadas. Neste caminho, a metodologia das trilhas interpretativas foram aproximadas para a realidade de nossa pesquisa, com suas práticas e ações que podem instrumentar os sujeitos de um olhar geográfico (alunos, professores e pesquisadores, moradores) no resgate de um tipo de experiência espacial[1] que conecta sujeitos ao mundo que habitam, em que vivem e convivem, gerando problematizações e possibilidades sobre os modos de narrar estas experiências com a cidade.

O conceito de *geograficidade* apresentado pelo geógrafo francês Eric Dardel vai de encontro a esta necessidade, pois ele trata da experiência espacial, conectando o homem com os espaços, lugares e paisagens, que são "o seu modo de existência e seu destino". Um conceito que reitera as maneiras pelas quais sentimos e conhecemos os ambientes, referindo-se ao relacionamento humano com os espaços e paisagens, construídas ou naturais, simbólicas ou materiais, compreendidas como "as bases e recursos da habilidade humana, e para as quais existe uma fixação existencial" (DARDEL, 2011). Ainda sobre a geograficidade, ela:

[1] Tal metodologia se aproxima da pesquisa qualitativa em Ciências Humanas e é influenciada pelas contribuições da Geografia Humanística e Cultural, na busca pelas subjetividades e pertencimentos dos sujeitos que habitam um lugar. As técnicas de pesquisa associadas, poderão ser: o diário de campo, a transcrição de impressões e conversas informais, a produção e leitura de imagens, mapas mentais, entre outros elementos de registro.

> [...] permanece entre os homens de forma aceita e discreta, "mais vivida que expressa". Abarcando as boas e as más relações com o ambiente, podendo assim que, o que atrai uma pessoa desagrade outras, podendo ainda ser notada como expressão, através de um exercício de comparação de preferências (DARDEL, 2011, p. 34).

Este conceito versa sobre a experiência e pede por um profundo envolvimento de significado, sendo que ele deve se dar livre de qualquer preconceito estabelecido, se desvencilhando do conhecimento posto, acabado, implicando num arriscar-se. A geograficidade se dá a partir de uma consciência geográfica, na qual o desprendimento é a garantia de autenticidade frente aos fenômenos espaciais. Tais concepções acerca do espaço se fundam na Fenomenologia que estuda os princípios, as origens do significado e da experiência.

Tal delimitação de método permite no campo da Geografia (e de outras áreas de saber que estudam as paisagens e a cidade) o estudo de fenômenos subjetivos tais como ansiedade, comportamentos, afetividade, medo ou pertencimento, que não devem ser compreendidos somente através da observação e medição, ou vista dentro de uma perspectiva enciclopédica. Estes fenômenos da experiência são a substância do envolvimento do ser humano no (e com o) mundo, configurando as bases formais do que entendemos por Geografia (GOMES, 2010). Esta mudança de postura conduz o pesquisador às origens pré-científicas deste saber, entendendo que:

> A geografia não é, de início, um conhecimento; a realidade geográfica não é, então, "objeto"; o espaço geográfico não é um espaço em branco a ser preenchido a seguir com colorido. A ciência geográfica pressupõe que o mundo seja conhecido geograficamente, que o homem se sinta e se saiba à Terra como ser chamado a se realizar em sua condição terrestre (DARDEL, 2011, p. 33).

Assim a paisagem é vivida e tocada pelos sujeitos e, sendo uma construção destes mesmos, elas dizem das trajetórias dos habitantes de uma cidade, ela é feita da história, dos feitos, do cotidiano. E como nos aponta a geógrafa Solange T. de Lima:

> [...] cada ser humano constrói, seleciona as paisagens que envolvem sua própria história de vida, numa revelação de símbolos que encerram em si as atitudes, percepções, os sonhos e sentimentos únicos, singulares, relativos às suas vivências. Estes símbolos atribuídos às paisagens vividas dizem respeito às maneiras de compreender a integridade e a complexidade das experiências, dos ritmos das relações existenciais com o mundo vivido (LIMA, 1998, p. 8).

A experiência da cidade é por privilégio o momento de encontro com impressões, marcas, traços que humanizam a paisagem, isto é, a possibilidade de percorrer formas naturais e construídas, que também a compõe. São paisagens dinâmicas, repletas de contradições, e no caso das cidades, poderá conter inúmeras corporeidades, diversas manifestações culturais, complexos espaços de resistência, sublevações e cerceamentos, grupos e mobilidades marginais, formas de apropriação do espaço urbano, festas, feiras, praças e outros espaços de sociabilização, lazer, que podem indicar pertencimentos e caminhos para o reconhecimento da multiplicidade de identidades que habitam as cidades e a

sala de aula.

As trilhas podem ser caminhos para um resgate de conhecimentos experienciados pelo sujeito, que na maioria das vezes, são considerados "virtuais", devido a uma desconexão profunda do homem moderno com o mundo. O percurso por entre esses caminhos demarcados e definidos enquanto trilha, fundada em prática espaciais individuais e coletivas com seus pontos de parada e pausa nos remetem ao diálogo com Yi-Fu Tuan, revelando que a exploração das paisagens como um espaço que nos dirige, pouco a pouco, ao sentido de lugar.

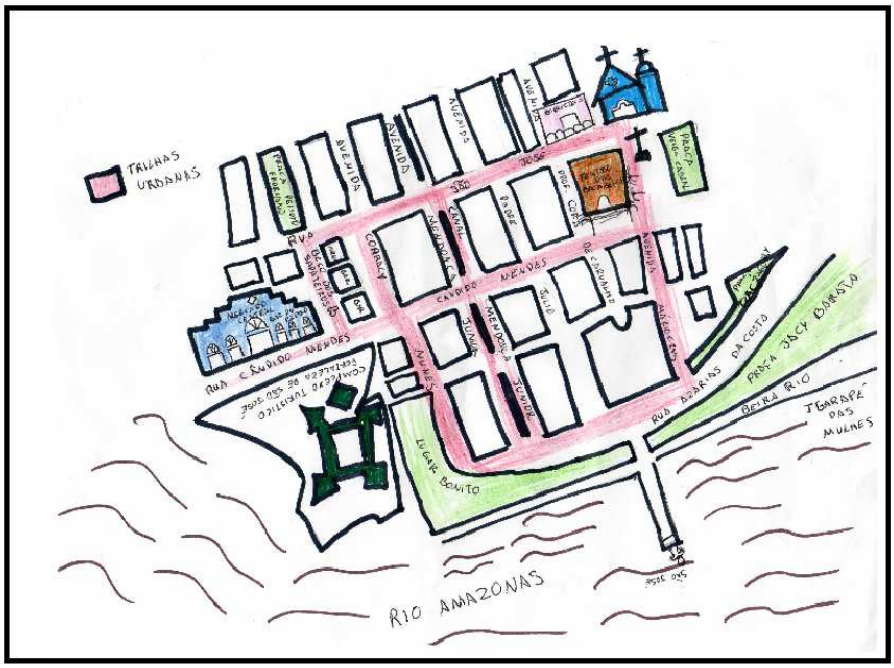
Desenhando uma metodologia de construção das trilhas e da pesquisa

A construção da metodologia se deu de forma colaborativa e participativa entre os integrantes e pesquisadores do projeto. Também constituiu em momentos de pausa e reflexão conceitual sobre o que são as Trilhas Urbanas. Deste momento, compreendeu-se que as Trilhas são possibilidades dos sujeitos se conectarem com as paisagens, os lugares e outros espaços de uma cidade: aqui a cidade de Macapá.

As Trilhas propostas se transformaram em práticas espaciais, e nos indicaram caminhos para o estudo de imagens, imaginário e memórias urbanas, pois estas foram se apresentando enquanto expressões da cultura por grupos e sujeitos que habitam às cidades. Assim, o primeiro momento da pesquisa se deu com o levantamento bibliográfico, cartográfico, audiovisual e iconográfico sobre algumas paisagens, lugares e práticas espaciais a partir da cidade de Macapá, buscando reconhecer algumas motivações, interesses e, em especial, memórias que se apresentaram no espaço urbano. Aqui, deve-se ressaltar que os trabalhos de campo sob uma abordagem humanista possuem um caráter exploratório, que permitiram aos pesquisadores um contato direto (através da vivência) com os sujeitos e lugares que constituem a cidade pesquisada buscando estabelecer uma certa familiaridade.

Num segundo momento foi realizada a delimitação dos recortes e espaços potenciais para a realização das Trilhas Urbanas, onde os pesquisadores foram à campo. Propôs-se a delimitação de trajetos do centro de Macapá a partir de fotografias históricas, traçados das linhas de ônibus, cartografias afetivas e pessoais (SANTOS; FERNANDEZ, 2017), memórias e narrativas, dando origem a uma trilha pedagógica com marcas e expressões humanas, esta cartografia de trajetos se tornam substrato das trilhas como apresentado na Figura 1.

Figura 1. Croqui da região Centro de Macapá e delimitação do "objeto" no projeto Trilhas Urbanas.



Fonte: SANTOS, Rosiane C., 2013.

Os recursos de registro e documentação utilizados foram a fotografia, vídeo, áudio e entrevistas, valorizando as percepções dos sujeitos que vivem (ou viveram) nesta cidade. É importante salientar que nos caminhos da pesquisa, foram propostos a utilização e o aperfeiçoamento do diário de campo, visto como um caminho para a elaboração de narrativas sobre estas paisagens como registro imediato das impressões ou construídos a partir das memórias do lugar vivenciado. Dessa forma o diário de campo transcendeu a forma clássica da caderneta de anotações, sendo composto por croquis, esboços, fotografias, vídeos, falas e entrevistas gravadas, alegorias, compondo imagens e reescrevendo a experiência com e nos lugares (BECKER, 1997; FERNANDEZ, 2008).

Trilhas urbanas e cartografias da paisagem de Macapá

A primeira experiência em que as trilhas urbanas foram utilizadas como recurso metodológico para conhecimento e interpretação do urbano foi com acadêmicos de uma turma de licenciatura em Pedagogia da UNIFAP. O objetivo da experiência foi apresentar possibilidade de práticas educativas aos estudantes para o estudo do meio, visto ser esse um dos conteúdos curriculares do Ensino Fundamental I [2].

Para isso, trabalhou-se com as trilhas construídas pelos pesquisadores do Projeto "Trilhas Urbanas: uma proposta metodológica de experienciar, de ver e ser-no-mundo". No caminhar pelas trilhas traçadas buscou-se despertar nos participantes sentidos "pouco usuais" em relação às paisagens do centro de

[2] Nos Parâmetros Curriculares Nacionais. de História e Geografia. Brasília para Ensino Fundamental de 1997.

Macapá, onde, a cada percurso, tais sujeitos estabeleciam uma vivência de troca com a cidade, como se o já conhecido se revelasse enquanto "novidade".

Durantes o processo, algumas metodologias de cartografia participativa e mapeamento colaborativo se apresentaram como uma linguagem ímpar no "condensar" impressões, percepções, falas, vivências, no "plano" o espaço urbano vivido, criando um itinerário de lugares que são materiais, também constituído em sua imaterialidade. As imagens presentes no Mosaico de figuras 1 demonstram um pouco desse processo.

Mosaico de Figura 1. Momentos das trilhas urbanas: Orientação a partir do mapa do estado do Amapá; caminhando às margens do rio Amazonas nas proximidades da Fortaleza de São José; leitura de fotografia histórica; construção de mapa a partir da vivência.

Fonte: FERNANDEZ, Pablo S. M., 2015.

Tal procedimento, a partir de mapas de caminhar ajudou no apresentar elementos e detalhes "invisíveis" observados da paisagem: os fluxos da movimentação de pessoas e veículos, a passagem do tempo nos prédios, a publicidade e a propaganda que adensa o sentido do consumo, os sons da cultura e os odores da comida tradicional. Fatos como o abandono de determinados espaços públicos ou o desconhecimento da toponímia de alguns espaços e lugares que fazem parte do cotidiano de muitos dos participantes, indicavam de algum modo, sentidos de topofobia (TUAN, 1980). Nesses encontros, os mapas coletivos permitiam compartilhar as percepções de cada participante da trilha com a cidade, tornando-se um modo dar voz ao "outro", numa relação de troca de diálogo, um mediador e texto a ser preenchido, como espaços de alteridade.

O trajeto teve como ponto de partida, a Fortaleza de São José e o Mercado Central em direção às principais ruas do

centro da cidade. Os trilheiros, foram estimulados a registrar suas impressões a partir da utilização de diários de campo e câmera fotográfica, com o objetivo de "desenhar" determinadas paisagens e lugares e quais sentidos e significados se revelassem no percurso. No caderno iam sendo "rabiscadas" impressões a partir de cheiros percebidos, dos sons e falas escutadas, da percepção da brisa amazônica ou do calor do asfalto, tomados de forma livre. A imagem presente na Figura 2, foi retirado do diário de campo de um dos estudantes que utilizou o desenho como umas das formas de registro.

Figura 2. Desenho panorâmico da Fortaleza de São José, região central de Macapá, presente em um diário de campo.

Fonte: Projeto Trilhas Urbanas, 2015.

Durante o percurso, ou o trilhar pela cidade, os mapas, articulados com fotografias, desenhos e textos tornavam-se "pontes" no estabelecer conversas e diálogos com trabalhadores, moradores e passantes, que eram estimulados a revelar memórias de lugares que já não existiam ou haviam sido "encobertos" pela passagem do tempo, ou impressões sobre a violência, riscos, pontos de descanso ou de encontro, tornando-se caminho para a construção de uma imagem da cidade (LYNCH, 1999). Essa proposta vem a corroborar com a potência que o caminhar adquire na formação de um leitor "do mundo" (sejam crianças ou jovens estudantes, sejam licenciandos ou professores) do espaço e de paisagens, visto que o caderno de campo pode ser "transposto" para a sala de aula, dando continuidade ao processo formativo, atuando em um processo avaliativo e assim tornando-se um registro da consolidação de um conhecimento.

Conexão entre lugares: uma proposta de ocupação do Mercado Central de Macapá

A segunda experiência, ocorreu durante a exposição "Conexão entre Lugares. Essa exposição se deu como proposta de ocupação de um lugar do centro de Macapá – o Mercado Central - a partir de ações de intervenção e arte urbana, aproximando a produção de fotógrafos de distintos lugares e paisagens, cidades e países, tendo como tema central: o corpo na cidade. Esta proposta de interação entre lugares, se fundamentou na troca de imagens de artistas que tem explorado as experiências de pertencimento, de encontro e reconhecimento do outro a partir de trajetos e trajetórias na cidade[3]. O quadro 1 apresenta registros desse processo.

Quadro 1. Quatro vistas do Mercado Central e fotografias da exposição "Conexão entre Lugares".
Fonte: Projeto Trilhas Urbanas, 2015.

[3] A exposição "Conexão entre Lugares" foi realizada no Festival de performance e intervenção urbana Corpus Urbis, 2015. Dentre os participantes estiveram: Isao Nascimento e Yili Rojas (Rede Brasis - Alemanha), Itandehuy Castaneda (México), Mário dos Santos (BA), Vicente Tomazi (RN) e integrantes do projeto Trilhas Urbanas.

Estes sujeitos (presentes através de seus lugares imagéticos) interagem com suas "impressões geopoéticas" na paisagem urbana de Macapá-AP, especificamente nas paredes do Mercado Central: lugar de pertencimento e afeto de muitos de seus habitantes, além de patrimônio cultural e memorialístico desta cidade "amazônida". A proposta de exposição se deu na forma de "lambe" [4], apresentados nos muros e paredes das áreas externas e internas deste monumento, configurando um "percurso- exposição" por entre corredores, becos, vielas, e ruas do entorno. Assim, a ideia de conexão que fundou esta ação, se aproxima do entendimento das redes no mundo contemporâneo, com seus fluxos, conexões, territorialidades e territórios, que se constroem a partir da circulação e troca de imagens dos lugares, conforme tratado por Fernandez (2013) em sua tese de doutorado.

Tal intervenção artística foi concebida como um percurso de "estranhamentos" pela (e com a) cidade de Macapá, visto que estas imagens fotográficas construídas a partir de lugares distintos, não revelam o lugar em si, mas buscam criar uma coabitação, uma coexistência de sentidos que destoam da paisagem real. Tais imagens se apropriam do adensamento de culturas que são impressas na paisagem da cidade de Macapá, intentam passar desapercebidas pois o seu acesso pede uma calma, pede a desconfiança sobre a veracidade das imagens. A experiência que se pede com esta mostra, é a de uma educação pela desconfiança, visto que educar os olhos não é somente fazê-los ver certas coisas, valorar certos temas e cores e formas, mas é, sobretudo, construir um pensamento sobre o que é ver (OLIVEIRA JUNIOR, 2009).

[4] Técnica de arte urbana.

Tal projeto construiu um arcabouço teórico e conceitual no campo da Geografia Humanista e Cultural, indicando que a cidade é um fenômeno a ser vivido e pode ser interpretada pelo olhar de um geógrafo que caminha, que constrói uma linha de pesquisa (dentro de um laboratório) e indica percursos para jovens pesquisadores (que são moradores desta cidade, e também podem expressar esta relação) que podem expressar suas experiências através de linguagens que extrapolam a escrita acadêmica, realizando oficinas, exposições, relatos e crônicas da vida na cidade, ampliando a relação entre Ciência, Arte e Poesia, ao encontro da construção de um conhecimento que é plural e complexo.

Neste caminho de construção de conexões de saberes, os pesquisadores se disponibilizaram ao encontro com o "outro", com aquele que habita a cidade, com suas práticas, saberes e conhecimento do mundo. Tal processo de encontro, se deu através de uma rigorosa proposta metodológica no campo da Pesquisa Qualitativa, fundada no encontro, na escuta atenta, na observação disciplinada e no mapeamento de percursos vividos, na busca pelo intangível, pelo espaço geográfico que não é material, construído através de memórias, afetos, e falas acerca de Macapá. O que ocorre, é uma reescrita de conceitos, uma revisão de metodologias de estudos urbanos, em busca dos sujeitos e suas paisagens.

Considerações finais

As trilhas interpretativas (e em específico no caso dessa pesquisa) que fundam estas trilhas urbanas, se mostraram uma metodologia privilegiada para se acessar impressões, marcas, traços humanizados, paisagens e lugares na cidade de Macapá. As

trilhas são dinâmicas, tais quais as paisagens que podemos nos deparar em seus percursos e trajetos. A paisagem da cidade de Macapá – AP, situada na margem esquerda do rio Amazonas, se apresenta como outras cidades brasileiras: repletas de contradições sociais, econômicas, políticas, porém por outro lado, é uma cidade que apresenta uma riqueza cultural, de corporeidades complexas, diversas manifestações, inúmeros espaços de resistência com suas formas de sublevação e quebra dos cerceamentos. A cidade como foi vista na pesquisa, é feita no caminhar e na vida cotidiana.

A pesquisa, ao propor compreender percursos na cidade, acessou grupos urbanos e mobilidades marginais, com suas formas de apropriação do espaço urbano, festas, feiras, praças e outros espaços de sociabilização, lazer, de improviso, que representaram espaços "não normatizados" com seus sentidos de pertencimentos e topofilia. A pesquisa revelou que a população que habita esta cidade, carrega consigo uma cidade feita de memórias, afetos e identidades que se materializam no "chão" da cidade.

Nesta pesquisa, foram mapeadas diversas Trilhas Urbanas: de memórias, de fotografias, de migrantes, de trabalhadores, de estudantes, com usos diversos que iam desde a locomoção cotidiana, até aquelas construídas com sentido pedagógico e formativo. O que inicialmente parecia ser um caminhar descomprometido pela cidade, foi se tornando uma metodologia de acesso e reconhecimento da alteridade, onde caminho e as pausas ao longo dele, juntos, constituíram a unificação de espaço, lugares e paisagens. Destas Trilhas, deu-se o exercício de construir narrativas e formas de falar da cidade, que adquiriram formas: escrita acadêmica, acervo fotográfico, mapas, vídeos, fotografias e intervenção urbana, como parte do processo da pesquisa. Assim, conclui-se que a cidade de Macapá é múltipla, repleta de vida com seus sujeitos e cotidianos, com paisagens e lugares que merecem ser valorizados e compreendidos como espaços de encontro e produção de sentido, deste modo, a cidade vibra com seus caminhos e caminhantes.

Referências

BECKER, Howards. **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: HUCITEC: 1997.

BESSE, Jean-Marc. Ver a Terra: seis ensaios sobre paisagem e geografia. Tradução de Vladimir Bartalini. São Paulo: Perspectiva, 2006. 120 p.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. Revista Brasileira de Educação nº 19, 2002.

BUTTIMER, Anne. Apreendendo o dinamismo do mundo vivido. In: ___. **Perspectivas da Geografia.** São Paulo: DIFEL, 1982.

DARDEL, Eric. **O homem e a Terra**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

FERNANDEZ, Pablo S. Moreira. **Conexão entre lugares:** rede de imagens e lugares migrantes entre Goiânia-Goiás-Brasil e São Francisco-Califórnia-EUA. Tese (Doutorado em Geografia). IESA/UFG: Goiânia, GO, 2013.

FERNANDEZ, Pablo S. Moreira. **Narrativas Urbanas de um Caminhante**. Dissertação (Mestrado em Educação). FE/UNICAMP: Campinas, SP, 2008.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **Geografia e Modernidade**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

LIMA, Solange Teixeira de. Trilhas interpretativas e vivências na natureza: reconhecendo e reencontrando nossos elos com a paisagem. Disponível em: <www.ambiente.sp.gov/ea/adm/admarqs/Solange Guies01.pdf >. Acesso em 22 out. 2018.

LIMA, Solange Teixeira de. Trilhas Interpretativas: a aventura de conhecer a paisagem. **Cadernos Paisagem. Paisagens**, Rio Claro: Unesp, 1998, p.39-43.

LYNCH, Kevin. **A Imagem da Cidade.** Martin Fontes: São Paulo, 1999.

OLIVEIRA JR., Wenceslao M. de. Grafar o espaço, educar os olhos. Rumo a geografias menores. In: ___. **Pro-posições. Dossiê: A educação pelas imagens e suas geografias** Universidade Estadual de Campinas. FE – Campinas – SP, v.20, n.3, 9600, set./dez. 2009.

SANTOS, Rosiane C. ; FERNANDEZ, Pablo S. M. A Memória da Paisagem Urbana do Centro de Macapá-AP: A cidade contada por seus moradores. In: ___. **Estudos Urbanos e Regionais no Trópico Úmido:** Pensando a cidade amazônica na contemporaneidade. 1ed. Rio de Janeiro/Macapá: Autografia/UNIFAP, 2016, v. 1. 212 p.

SANTOS, Rosiane C. ; FERNANDEZ, Pablo S. M. Um estudo das paisagens urbanas de Macapá - AP a partir de cartografias pessoais In: ___. **Ciências Humanas**. Macapá: Editora da UNIFAP, 2017.

SAUER, Carl. O. A Educação de um Geógrafo. **GEOgraphia**. Niterói: UFF. Ano. II– No 4. 2000.

TUAN, Yi-fu. **Espaço e Lugar**: a Perspectiva da Experiência. Londrina- PR: Eduel, 2013.

TUAN, Yi-fu. **Topofilia:** um estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente. São Paulo. Difel, 1980.

Recebido em 2019-11-29
Publicado em 2020-02-28